

A LÍNGUA E A FÉ: ORIGENS DA ESCOLARIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA NO IMPÉRIO LUSO

Rosa Virgínia Mattos e Silva*

RESUMO: Reflexão sobre o processo histórico de escolarização em português, a partir da análise e confronto da *Cartinha*, impressa em 1539, que precede a *Gramática da língua portuguesa*, de 1540, de João de Barros, com a *Cartilha em tamul e português*, impressa em 1554, e com a *Cartilha para instrução dos meninos*, de 1718, publicada em 1722.

Palavras-chave: Lingüística Histórica, História da Língua Portuguesa, Escolarização em Língua Portuguesa.

Una cosa hállo e sáco por conclusion mui cierta: que siempre la lengua fue compan)era del império: e de tal manera lo siguió: que ju)ta mente començarõ. crecieron e florecieron. e despues ju)ta fue la caida de entrambos.

Antonio de Lebrixa (1492, fol. 1, ls. 11 a 15)

PRÓLOGO

S em dúvida, a “máxima afortunada”, palavras de Eugenio Asensio (1991[1974], p. 319), de Nebrija será o fio condutor deste sintético artigo sobre um sugestivo tema. Além de ser a língua companheira de impérios – veja-se hoje a hegemonia do inglês, pela via do “império norte-americano”

* Universidade Federal da Bahia/CNPq/Grupo PROHPOR.

– entre os séculos XVI a XVIII, pelo menos, também a fé, a catequese acompanhou a expansão do Império Luso.

Neste texto pretendo caracterizar brevemente o contexto histórico-cultural do Portugal de quinhentos (1); analisar, confrontando, a sugestivamente ilustrada *Cartinha*, impressa em 1539, que precede a *Gramática da língua portuguesa*, de 1540 (1971[1539-1540]), de João de Barros, com a *Cartilha em tamul e português*, impressa em 1554 (1970) e, dando um salto de dois séculos, a *Cartilha para instrução dos meninos*, de 1718, publicada em 1722 (Flexor, 2001) (2). Por fim, um epílogo, tentando transferir para tempos recentes o que ocorreu no passado (3).

1 BREVE CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL NO PORTUGAL DE QUINHENTOS

Nos inícios do século XVI, começa aos poucos a laicização da cultura letrada, embora não fosse desprestigiado o ensino do latim e da cultura latina. O português inicia o seu percurso como língua de ensino; com isso se incrementam os receptores da escrita vernácula.

Há informações seguras sobre a propagação do ensino em português. Maria Leonor Buescu (1971, p. XXV), baseada no cronista do rei Dom Manuel, Damião de Góis, informa que já em 1504 eram enviados livros para o Congo, entre eles, provavelmente *Cartinhas*. Segundo a mesma autora, em 1512 e 1515, seguem para a Abissínia e para o Oriente novas remessas de livros de que faziam parte *Cartinhas*.

Segundo o historiador Ramada Curto (1998, v. 1, p. 424), Dom Duarte de Menezes, governador de Ceuta, manda 200 cartilhas, além de outros livros de natureza religiosa, para Goa, Canonor e Malaca. Informa ainda o mesmo historiador que os mestres de primeiras letras, em Lisboa, apontam um aumento no século XVI: “De trinta ou trinta e quatro em 1551-1552 passam a sessenta nos inícios do século XVII” (idem, p. 360).

O mesmo historiador apresenta outro indicador para o uso do vernáculo. Trata-se desse uso entre os juizes de Coimbra que sabiam assinar o nome: “de 1533 a 1567, a percentagem mais elevada é de 9%, enquanto de 1571 a 1581 passam a existir percentagens de 15%, 17% e 20%” (idem). Em meu estudo *Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico* (2002, p. 27-41), desenvolvi mais esse tema.

Outro fator que interessa ao nosso objetivo, refere-se ao fato de se iniciarem, na primeira metade do século XVI, os estudos metalingüísticos sobre a língua portuguesa, com a *Gramática da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira – *Cartinha, Gramática da língua portuguesa, Diálogo em louvor de nossa linguagem* e *Diálogo da viçiosa vergonha* (BUESCU, 1971[1539-1540]).

São esses os dois grandes trabalhos que iniciam o percurso da língua portuguesa como língua de ensino, sobretudo a *Obra pedagógica* de João de Barros.

Nas palavras de Eugenio Asensio, hispanista reconhecido, Fernão de Oliveira

[...] possuía uma mente aguda, um pouco ofuscada pelo seu nacionalismo cerrado e sua combatividade [...] os foneticistas elogiam suas descrições da pronúncia do português. Oliveira, mais decididamente que Nebrija, admite que o uso é a lei da língua [...].

Conclui Asensio:

Claro que ele mesmo não pratica esses desaforados conselhos, filhos de sua natureza hiperbólica. Conhecia e utilizava tanto gramáticos latinos como italianos e espanhóis (1991[1974]:330). (Tradução minha)

Sobre João de Barros avalia Asensio:

Não rechaça os empréstimos, nem o aborrece a sua herança cultural [...] Queria desterrar das escolas aquela desatinada pedagogia que ensinava o latim pela *Arte de Pastrana* e pela *Ars* de Estevão Cavaleiro [...] Como Nebrija vê o papel da língua na cimentação do Império, mas o que mais o comove é seu futuro como instrumento da evangelização (idem, p. 332). (Tradução minha)

Assim, a língua, o império e a fé já estão conjugados em nosso primeiro gramático prescritivo ou, nas suas palavras, “preceitivo”

Segundo Telmo Verdelho, especialista na gramaticografia sobre a língua portuguesa, em recente trabalho:

O latim sustenta a língua portuguesa, por um lado como fonte na adaptação do alfabeto e da escrita e como matriz de recursos inexauríveis no frasear e na recriação lexical, por outro lado, oferece-lhe um convívio instruído por uma tradição teórica antiga e estudadamente aplicada [...] especialmente nos manuais de gramática (2001, p. 76).

Essa afirmativa não contradiz o ponto de vista de Eugênio Asensio, sobretudo no que se refere a João de Barros, principalmente na sua *Gramática*, que não é objeto de análise nesta comunicação. Contudo, se observarmos a nossa primeira gramática prescritiva, são freqüentes as inferências e as referências que se podem depreender da sua leitura, a gramáticos latinos, como Quintiliano (I séc. d.C.), Gélio (II d.C.), Prisciano (VI d.C.), por exemplo.

2. CARTINHAS; CARTILHAS; APRENDER A LER, ESCREVER, CONTAR E REZAR EM PORTUGUÊS NO IMPÉRIO LUSO

Além de livros e cartinhas, já referidos no item anterior, enviados em 1504 para o Congo e entre 1512 e 1515 para a Abissínia, Telmo Vedelho arrola, com base no historiador Américo Cortez Pinto, as seguintes remessas de livros, entre eles *Cartinhas*:

1514 – Vão 2000 cartilhas para o Negus.

1512 – Remete-se um caixote de cartilhas para Cochim.

1504 – Vão para o Congo Mestres de Ler e muitos livros.

1490 – Expedição para o Congo em que vão muitos livros e dois Impressores.

1488 – Expedição de Mestre Álvaro, com muitos livros eclesiásticos e morais (idem, p. 80).

Ainda acrescenta, com base em Fernando Castelo Branco, que “algumas centenas de *Cartinhas* para o Oriente até 1521”, e cita “a

carta de Afonso de Albuquerque de 1512, onde se fala de uma arca de cartinhas” (idem).

É com razão que Telmo Verdelho comenta que constituíram as “artes de aprender a ler e escrever” os primeiros *best-sellers* do negócio editorial português.

Maria Carlota Rosa, lingüista brasileira, em comunicação à ANPOLL de 2002 – *Cartinhas e cartilhas: a introdução à leitura no século XVI* –, diz que “um dos legados dos quinhentos portugueses é um tipo de literatura didática que mesclava os interesses das matérias tocantes à fé e ao ensino da leitura” (p. 111). Arrola a autora: quatro cartinhas anônimas e sem data, uma anônima, mas datada de 1534 e, por fim, a de 1539, que é a de João de Barros. Todas impressas em Portugal e uma das anônimas e a de 1534 impressas em Lisboa por Germão Galharde, que, como se sabe, é um dos primeiros impressores estrangeiros que vivia em Portugal.

2.1 Cartilha em tamul e português

Essa *Cartilha* foi impressa:

per Germão Galhardo impressor d[e] sua A[lteza] aos ii de feuereiro. anno de mil quinhētos e cincoenta e quatro ānos. Laus deo.

É o que se lê ao final da *Cartilha*. Na portada lê-se:

Cartilha que conte) brevemente ho q) todo christáo deue apr?der pera sua saluaçom. A qual el rey don Joham Terceiro deste nome nosso senhor mandou imprimir e) lingoa Tamul e Portugues cō ha decraçam do tamul per cima de uermelho.



Fac-símile reduzido da portada da *Cartilha*

Depois do *Prólogo* ao rei segue-se o abecedário, com os seguintes sinais ou letras:

A. a. b. c. d. e. f. g. h. i. k. l. m
n. o. p. q. r. s. t. v. u. x. y. z.

A seguir estão dois silabários: o primeiro constituído por sílabas formadas por consoantes e vogais orais e o segundo de sílabas formadas por consoantes e vogais nasais (a nasal representada por *m* ou *~*).

Logo segue a “doctrina Xpão” [cristã].

Inicia-se a doutrina cristã com uma série de perguntas e respostas. Exemplificarei apenas com a primeira:

“Preguta. Uos christam sois?” Sob a linha da pergunta o mesmo em tamul. “Resposta. Si”, com a palavra correspondente em tamul.

Depois das duas primeiras perguntas, “Seguesse ho sinal da cruz”, em latim, português e tamul. Continuam as perguntas, seguidas de orações. A primeira, como seria de esperar, é o “*Pater*

Noster”; outras perguntas e respostas e “Seguese ha Aue Maria”
Entremeiam-se assim perguntas e respostas e orações, pela ordem:
“Ho Credo”; “Ha Salue Regina” Na seqüência estão:

Seguense os quatorze artigos da fee
Seguense os mãdame)tos da ley
Segue?sse os sacramentos da sancta madre igreja catholica
Seguensse as sete virtudes contra estes sete peccados mortaes
Segue?se as obras de misericordia
Seguensse os imigos (seria inimigos?) da alma
Seguesse a confissam.

Finalizam a *Cartilha* o “Introito” e o “Confiteor”, em latim e com o que deve todo cristão fazer pela manhã e à noite (rezar o *Padre Nosso*, a *Ave Maria* e fazer o sinal da cruz) e também o que deve fazer antes e depois de comer (benzer-se, rezar o *Padre Nosso* e a *Ave Maria* e dar graças a Nosso Senhor).

Embora na *portada* esteja dito que em vermelho está o correspondente em língua tamul, de fato, em vermelho está o português; não pretendo fazer aqui uma descrição codicológica ou paleográfica da *Cartilha*, vale ressaltar que há ainda um jogo de cores estético em preto e vermelho em toda ela e, ainda, há gravuras cuidadas referentes ao conteúdo do que chamarei, generalizadamente, de “orações”

Como se pode verificar pela breve descrição, a *Cartilha* é, de fato, um catecismo, destinado aos missionários que iam para o sul da Índia, onde a língua tamul era, naquela época, a mais usada pela maioria da população local (*Introdução à edição da Cartilha*, p. 24).

2.2 A *Cartinha* de João de Barros

Na *portada* da *Gramática* de João de Barros, na parte inferior, está: *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa mádre igreja. Segue a Távoa do que se contém neste livro.*

Essa *távoa* ou sumário inclui o que contém não só a *Cartinha*, mas o conjunto da *Obra pedagógica*.

Vou aqui me restringir ao que se refere à *Cartinha* na *távoa*:

Introduçám pera brèvemente aprender a ler.

Pater Noster e *Ave Maria* em latim e em linguagem.

Credo em latim e linguagem.

Divisám destes artigos da fé.

Salve regina em latim e linguágem

Os X Mandamentos da Lei e os V da Igreja.

Os sete sacramentos da Igreja.

As XIV obras da misericórdia.

As virtudes teologaes e moraes.

O dões e fruitos do espírito Santo.

Os imigos da alma e os V sentidos.

Os pecádos mortáes e as virtudes contra eles.

A bênçam das mesas e as graças.

Tratádo da missa.

Òráçám à hostia e òráçám ao caliz.

As orações *Obsecrote* e *Juste Judex*.

Evangélho de sam Joám e o *Quicumque vult*.

Os dias de jejuár e guardár, com as IV têmporas (Buescu, 1971[1540], p. 238).

A *Cartinha* é dedicada “ao muito alto e exçelente príncipe Dom Felipe nósso Senhor” (idem, p. 239). Na *Introduçám pera aprender a ler* (idem, p. 241-50) se apresentam as letras do alfabeto, com gravuras dos referentes cuja designação se inicia por cada letra do alfabeto (ao *a*, a gravura é a de uma árvore, por exemplo).

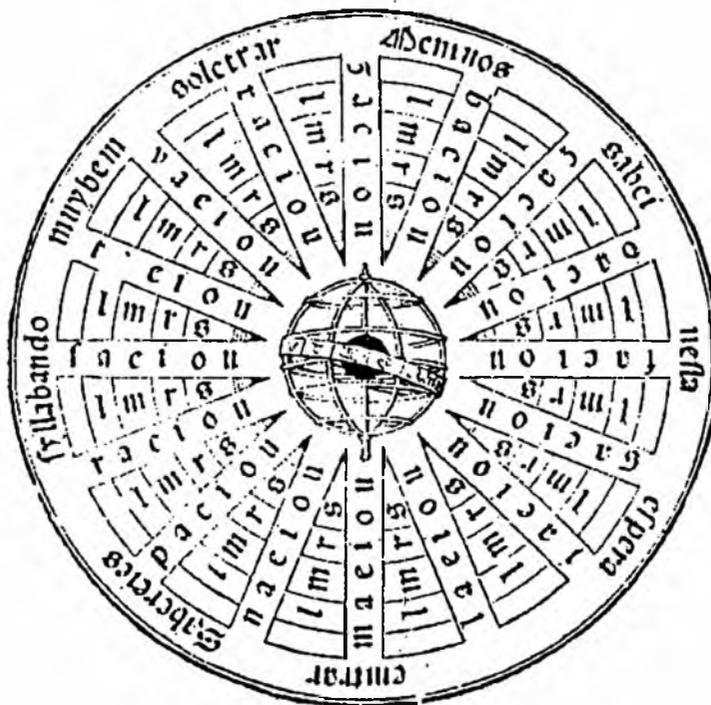
As letras assim ilustradas são:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, l, m, n, o, p, q, r, s, t, v, u, x, z.

Note-se que, diferentemente do abecedário da *Cartilha* antes analisada, João de Barros não apresenta dois tipos de <r> nem <s> nem de <z>. Como a outra, não apresenta o <j>, apenas o <i>.

A seguir, João de Barros apresenta “Outro ABC que temos em que [há] algumas lêteras dobradas / a á a b ç d é e f g h j i y k l m n ó o p q r r s ç t v u x z /. Dêstas trinta e ua lêteras, oito sêrvem de vogáes: á a é e i ó o u” Na seqüência está o “Môdo de compoer as síllabas com duas e com três e com quatro lêteras”, ilustrado por um círculo, em que no seu bordo externo está escrito “Meninos sapei nesta espera emtrar sabereis syllabando muybem soletrar” (idem, p. 243).

A á a b ç d é e f g h j i y k
 l m n ó o p q r r s ç t v u x z.
 Deslas trinta e hũa leteras oito sêrvem
 de vogáes.
 á a ç c i ó o u
 Môdo de compoer as syllabas com duas
 com tres e com quatro leteras.

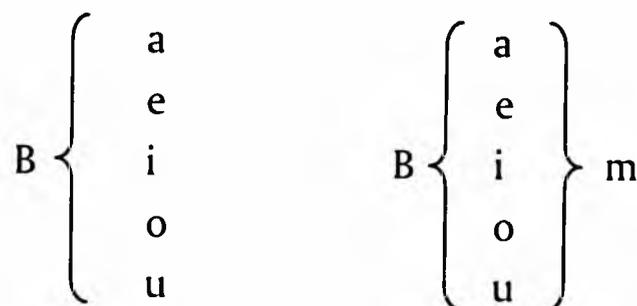


Fac-símile extraído de Buescu (1971, p. 243)

Entra-se na “esfera”, que provavelmente seria um instrumento pedagógico, talvez móvel, em direção a um centro, por triângulos agudos em que estão sempre, curiosamente, as letras <l m r s>

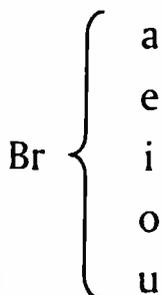
[que ele designará de semi-vogaes na sua ortografia (idem, p. 373)]. Entre esses triângulos há combinações de consoantes e vogais. A “esfera” sugere movimento e possibilidades combinatórias. Teria existido esse objeto para que “syllabando muybem” se aprendesse “soletrar” e ler?

A seguir, com caracteres usuais, apresenta “Sílabas per ajuntamento de duas lêteras” e “de três lêteras”, em esquemas, por exemplo:

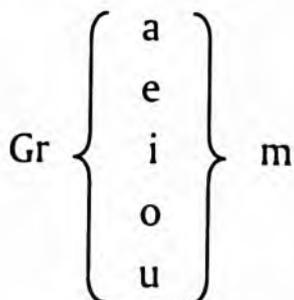


e assim até à consoante <z>

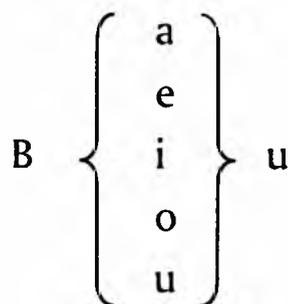
Apresenta ainda “Outra maneira de sílabas de três lêteras a meia das quáes é líquida”, por exemplo:



“Sílabas por agrupamento de quatro lêteras”, por exemplo:



“Outra maneira de sílabas ditongadas”, por exemplo:



“Outra maneira de sílabas próprias da língua portuguesa, que são formados de <ch, lh, nh> seguidas de vogáes” (idem, p. 244-50).

Da página 251 à 288 tem-se o desenvolvimento do que está na “távoa”, com o título geral de “Preceitos e mandamentos da igreja com algumas doutrinas católicas em que os meninos dévem ser doutrinados”

Apenas ao finalizar é que se encontra a designação *cartinha*:

[...] acába-se a Cartinha, com os preçeitos e mandamentos da Santa Mádre Igreja [...] comprida [...] per autoridáde da Santa Inquisiçam, em cása de Luis Rodriguez [...] aos XX de Dezembro de 1539 anos (idem, p. 290).

Comparando-se, sinteticamente, a *Cartilha* bilíngüe e anônima tamul/português e a *Cartinha* de João de Barros, salta logo à vista a maior elaboração lingüístico-pedagógica desta, além da qualidade gráfica e, por que não dizer, a imaginação didática do erudito quinhentista que foi João de Barros. Também se apresentam mais elaborados o que chamarei de princípios de iniciação à doutrina cristã. Ambas, contudo, dão mais peso ao catecismo que à alfabetização, parece-me.

2.3 Uma cartilha da primeira metade do século XVIII

Seguirei aqui o artigo da historiadora Maria Helena Flexor (2001, p. 97-157). Entre as *Instruções* de 1759 emanadas do Mar-

quês de Pombal, destaca a referida historiadora as enviadas à Capitania de Pernambuco, que trazem em anexo uma cartilha, decorrente da obrigatoriedade do uso da língua portuguesa nos núcleos coloniais.

A *Cartilha* que transcreve Maria Helena Flexor tem seu original no Arquivo Histórico Ultramarino (Pernambuco, s.d. cx. 59, doc. s/n. ms.). Nas suas palavras:

É uma cartilha simplificada, destinada a facilitar o ensino aos índios, não esquecendo as instruções da doutrina cristã, misturadas em meio às regras gramaticais. Obedecendo a instruções, adotava-se o “livro de Andrade” isto é, de Manoel de Andrade Figueiredo (1722, 156p.), escrito em 1718 e publicado, depois das devidas licenças, em 1722 (idem, p. 104-5).

Não dispondo essa *Cartilha* de uma “távoa”, como a de João de Barros, palmilharei esta *Cartilha* e *Catecismo*, de maneira sintética.

Inicia-se com o que chamarei de título: “Breve instrucção, para ensinar Doutrina Christáa, Ler, e escrever aos Meninos; e ao mesmo tempo os principios da Lingoa Portugueza e sua Orthografia” (p. 105).

Seguem-se o alfabeto em “letras correntes Romanas”, em “Letras Capitáes Romanas” e “As Sinco Letras vogaes” (mas apresenta seis): A, e, i, o, u, y”. A propósito da sílaba, está: “Cada huá das Letras vogaes forma por Si Sô, huá voz, ou huá Silaba. O y Grego naó he mais, que o i vogal, ou Latino” Continua: “letras abreviadas (ã) significa am, (é) em (î) im (õ) om (ú) um” Sobre os “tres accentos, Este accento $\acute{}$, se chama agudo. Este, $\grave{}$ se chama grave. Este $\circ\grave{}$ Circumflexo” Sobre o apóstrofo diz: “Esta figura (') se chama apostrophe, e posta entre duas Letras, serve d'hú à, ou d'é L'a, L'e, L'i, L'o, L'u e &r”; “esta figura (-) se chama divizaó” (p. 105-6).

Sobre “Pontuaçoens. Esta figura (,) se chama virgola. Esta figura (;) se chama ponto, e virgola. Esta figura (:) se chama dois pontos. Esta figura (.) se chama ponto. Esta figura (!) Se chama admiração. Esta figura (?) se chama interrogação” (p. 106). Será que essa nomenclatura, sem explicar a sua função, funcionaria para aprender a ler e, sobretudo, escrever?

Volta às sílabas e arrola as “de duas Letras” (ba, be, bi, bo, bu etc.); “de tres Letras” (bla, ble, bli, blo, blu ... stá, sté sti, sto, stu ... vra, vre, vri, vro, vru ... fam, fem, fim, fom, fum etc). Sem maiores explicações, encontra-se: “Estaes já isnuídos nas Silabas, he percizo que entreis com disvello a ajuntalas, e a formar os nomes” Seguem exemplos de nomes próprios para homens, “de mulheres” e “de Cidades” (p. 107-8).

Da página 108 à 112 estão os deveres dos mestres. Os “Mestres das Escolas” devem fazer, para formar seus discípulos, no “Santo temor de Deos, da Obediencia ao Rey, e aos Seus Ministros Respectivos; do amor, e Respeito aos nossos mayores, do affecto necessario à patria, e aos interesses da Monarquã” (p. 108).

Para tanto, devem os mestres “ser tractaveis, brandos, e modestos com os Discípulos”, devem “Colocar nas Eschólas huá imagem de hum Santo Crucifixo”, “He precizo ensinarlhe o Padre Nosso [...] Como tambem Ave Maria [...] Passaraó depois [...] a ensinar o Credo”, “Symbolos da fê [que] sam quatro”, “que cousa he a essencia divina”, “Ensinao os Mestres aos meninos o acto da Contricção”, “taóbm a confissao” “Depois lhe devem ensinar os des preceytos do Décálogo”, “depois [...] lhes ensinem a virtudes Theologaes” “Devem agora ensinar os Sacramentos da Santa Madre Igreja”, “Devem [...] ensinar os peccados mortaés”, “Também deve ensinar os Novicimos do homem, que Saó quatro: Morte, Juizo, Inferno, e Parayzo” “Ensinem lhe ultimamente os Artigos da fê, que Saó quatorze” “Devem ter os Mestres grande Cuidado em persuadir a Seus Discípulos a veneração, que devem ter ás Cruzes” Por fim os deveres antes de deitar, antes de se assentarem à mesa, depois de comer.

A cada um desses deveres cristãos, seguem-se longas explicações para os mestres, a fim de persuadirem seus discípulos a seguirem os preceitos cristãos. Persuadiriam?

Da página 122 à 154 voltam os ensinamentos, agora de natureza gramatical: as classes da palavra (“o articulo, o nome, o pornome, o verbo, o partecipio, o adverbio, a porpozição, a Conjunção a Intergeiçao”), cada uma delas definidas e exemplificadas. Dedicase

a seguir ao nome (substantivos e adjectivos, seus números e casos). Apresenta-se a seguir toda a conjugação em tempos e modos, tanto a ativa como a passiva e ainda os verbos defectivos. Por fim, trata dos “accentos”, do “Apostrofe”, do “Vso das Letras Capitaes, ou Letras grandez” E assim termina a “Breve instrucção” da época pombalina, que, segundo Flexor, como visto no início deste subitem, destinava-se aos índios. Só podemos dizer: pobres índios! Com tantos deveres, impossível, a meu ver, tornarem-se cristãos, o que era a meta principal da “Breve instrucção”

EPÍLOGO

Ou melancólico epílogo!

O que se quis mostrar foi que a tradição de ensino do vernáculo no Império Luso se manteve do século XVI até, pelo menos, o século XVIII. Ou seja: ensinar a língua portuguesa imbricada ao ensino da doutrina cristã.

Diria que essa tradição se manteve até, posso afirmar, meados do século XX, uma vez que a sofreu tanto no então chamado Curso Primário como no Curso Ginásial, neste já não se ensinava “Catecismo”, mas havia “Aulas de Religião”, é verdade que como disciplinas independentes do ensino do português que seguia, poderia dizer, o modelo da tradição iniciada, na área lusa, por João de Barros.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, já dizia Camões ao findar o século XVI. Quanto ao ensino do português, a meu ver, novas “vontades” começam a aparecer ao findar o século XX. Serei otimista? Mas isso já é outro tema, outra história!

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO (1970[1554]). *Cartilha em tamul e português*. Edição fac-similada com preâmbulo de D. Fernando de Almeida. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

- ASENSIO, Eugenio. La lengua compañera del imperio: historia de uma idea de Nebrija em España y Portugal. In: CASTRO, Ivo et al. (1991[1974]). *Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares*. Lisboa: Universidade Aberta, v. II.
- BARROS, João de (1971[1540]). *Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor de nossa linguagem e diálogo da viçiosa vergonha*. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras de Lisboa.
- CURTO, Ramada. Língua e memória. In: MATTOSO, José (Org.) (1993). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, v. III.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi (2001). Aprender a ler, escrever e contar no Brasil do século XVIII. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, 4, p. 95-157. São Paulo: Humanitas.
- LEBRIXA, Antonio (1976[1492]). *Tratado de gramática*. Salamanca. Edição fac-similar. Madrid: Erpasa-Calpe, s/a.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo (Org.) (2002). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS.
- OLIVEIRA, Fernão de (2000[1536]). *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeus Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- ROSA, Maria Carlota (2002). Cartinhas e cartilhas: a introdução à leitura no século XVI. *Livro de resumos*. Porto Alegre: XVII Encontro Nacional da ANPOLL.
- VERDELHO, Telmo. Um remoto convívio lingüístico: tradição teórica e herança metalingüística latino-portuguesa. In: MATEUS, Maria Helena Mira (Org.) (2001). *Caminhos do português*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

ABSTRACT: A reflection of the historical process of Portuguese teaching, from the observation and confrontation of three old documents: *Cartinha*, written by João de Barros and printed in 1539, *Cartilha em tamul e português*, appeared in 1554, and *Cartilha para instrução dos meninos*, written in 1718 and published in 1722.

Keywords: Historical Linguistics, Portuguese Language History, Portuguese Teaching.